



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO
CAMPO-LINGUAGEM E CÓDIGOS**

NOEME REIS CASTRO

**SAIA LITERÁRIA: Crianças tomando gosto pela leitura na escola Filadélfia,
comunidade Nossa Senhora Aparecida, Rio Aranaquarazinho, município de Chaves,
Pará.**

**Altamira-PA
2023**

NOEME REIS CASTRO

**SAIA LITERÁRIA: Crianças tomando gosto pela leitura na escola Filadélfia,
comunidade Nossa Senhora Aparecida, Rio Aranaquarazinho, município de Chaves,
Pará.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação do Campo, com ênfase em Linguagens e Códigos, da Faculdade de Etnodiversidade, Campus Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Vieira.

**Altamira-PA
2023**

NOEME REIS CASTRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação do Campo, com ênfase em Linguagens e Códigos, da Faculdade de Etnodiversidade, Campus Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo.

Altamira, PA, 04 de abril de 2023.

Professor e orientador Paulo Vieira Dr. (Presidente)

Universidade Federal do Pará

Profa. Dr. Carla Rocha (Membro interno)

Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Marcelo Pires (Membro interno)

Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R375s Reis Castro, Noeme.
SAIA LITERÁRIA : Crianças tomando gosto pela leitura na
escola Filadélfia comunidade Nossa Senhora Aparecida no Rio
Aranaquarazinho / Noeme Reis Castro. — 2023.
26 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Paulo Vieira
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, ., Altamira, 2023.

1. Leitura literária. 2. Gêneros literários. 3. Práticas de
ensino. I. Título.

CDD 807

Dedico este trabalho em especial aos meus pais, David Mendes dos Reis e Maria Ivaneide Santana Reis e meu esposo Kalebe Castro pelo carinho e apoio nesta trajetória de formação profissional.

AGRADECIMENTOS

Meus Agradecimentos a todos que contribuíram direta ou indiretamente no decorrer desta jornada em especial:

A Deus primeiramente pelo privilégio de me conceder a dádiva da vida, em meio a tanto caos que aconteceram nesses últimos anos e chegar até aqui é uma vitória que só ele proporciona e tem o controle.

A meu esposo Kalebe Gonçalves Castro pela iniciativa, motivação e incentivo em cursar esta graduação a qual eu mesma a encontrava desmotivada a enfrentar.

À minha família em especial meus pais, David Mendes dos Reis e Maria Ivaneide Ramos Reis, a meus sogros, José Domingos Martins Castro e Dilva Lucia Gonçalves castro, pelo incansável sacrifício e apoio nesta jornada imensurável.

Ao professor Dr. Marcos Formigosa pelo generoso gesto hospitaleiro que demonstrou ao meu favor no início desta carreira e não me deixou desistir.

Agradeço à Faculdade de Etnodiversidade e ao Curso de Educação do Campo, por proporcionar esses momentos de aprendizagens para grandes conquistas abrindo portas para um futuro mais promissor. E quero também aqui expressar a minha gratidão ao professor Dr. Paulo Veira, pela orientação e contribuição excepcional ao longo desse período, seus conhecimentos foram fundamentais para o sucesso deste trabalho e conseqüentemente a minha formação acadêmica e profissional.

RESUMO

Este trabalho trata de um relato de experiências que tive nos meus estágios supervisionado da Universidade Federal do Pará (UFPA) com ênfase em linguagens e códigos no Campus de Altamira. Onde tive a oportunidade de exercer o papel de docente em uma turma multisseriada, na escola Filadélfia comunidade Nossa Senhora Aparecida no Rio Aranaquarazinho, município de chaves, Pará, e colocar em prática algo que a própria Faculdade me proporcionou a conhecer e vivenciar. O que me levou a repensar práticas docente na área da linguagem em especial na escola do campo, onde há uma infinidade de desafios tanto com relação aos educandos nas práticas de ensino, quanto aos espaços físicos que nos são proporcionados. Quanto a metodologia, como trata-se de um relato de experiências todas as ações neste trabalho citado, foram experiência ao longo dos meus estágios supervisionados e balizada por estudos que dialogam com minhas práticas executada no campo de experiência, seguido de algumas observações em meio aos estágios.

Palavras-chave: leitura literária, gêneros literários, práticas de ensino.

SUMÁRIO

1. Educação no Campo: Poucos Recursos, Muitas Ideias	7
2. Definindo como fazer o novo na Escola do Campo	9
3. Saia Literária: crianças tomando gosto pela leitura	17
4. Contos dentro da saia.....	20
5. Considerações Finais.....	24
6. Referências Bibliográfica.....	26

1. Educação no Campo: Poucos Recursos, Muitas Ideias

O ensino multisseriado é bastante presente na zona rural, sobretudo em áreas de difícil acesso, e consta de uma forma de organização de ensino na qual o professor trabalha na mesma sala com várias séries do ensino fundamental simultaneamente, tendo de atender a alunos com idades e níveis de aprendizagens diferentes. Já que algumas escolas têm um número pequeno de matrículas e a mudança para outra escola não é possível devido à distância. É o caso da escola Filadélfia na comunidade Nossa Senhora Aparecida no Rio Aranaquarazinho, no Município de Chaves no Pará. E isso implicou nas minhas práticas docentes, pois foi a primeira turma com característica “multe” que trabalhei, o que me trouxe uma infinidade de desafios tanto com relação aos educandos na parte pedagógica, quanto aos espaços físicos que nos são proporcionados.

Percebe-se que a educação voltada para as escolas do campo tem sido mais valorizada, e vem conquistando espaço nos últimos anos, pois por meio dela é possível desempenhar um trabalho voltado para a realidade dos educandos, sejam eles indígenas, quilombolas, extrativistas, ribeirinhos, agricultores. A escola é um dos lugares de aprendizagem e é de fundamental importância que os sujeitos sejam compreendidos, e assistido por ela.

Somos herdeiros e continuadores da luta histórica pela constituição da educação como um direito universal, de todos: um direito humano, de cada pessoa em vista de seu desenvolvimento mais pleno, e um direito social, de cidadania ou de participação mais crítica e ativa na dinâmica da sociedade. Como direito não ser tratada como serviço, nem como política compensatória; muito menos como mercadoria. (CALDART, 2022, p.18)

Isto é, as crianças são amparadas por lei, e onde estiverem independentes do lugar de acesso, todas tem direito a educação e de melhor qualidade. E esta iniciativa de políticas públicas no campo é resultado de movimentos e mobilização dos trabalhadores do campo e da luta social. Isto é essencial na vida educacional das crianças, uma educação que valoriza a vida do campo e suas identidades.

A escola acima citada, é um dos exemplos de que por menor que seja a folha de matrícula de alunos, é necessário que ali esteja também um espaço educacional onde possam desfrutar daquilo que lhes é de direito. A escola atende a um público de alunos de educação infantil, 1º ao 5º ano, formando um total de 32 alunos matriculados, no que se refere a minha turma multe, trabalhado no período matutino, e uma outra turma com

funcionamento vespertino com 25 alunos da educação de jovens e adultos (EJA) integrando uma faixa de 57 alunos no geral.

Diante disto, uma das problemáticas vivenciadas nessa escola, é a falta de espaços físicos que pudessem dar conta das turmas que ali existiam. Além disso, um único professor tinha que atender toda a demanda, e isso acontece na maioria das escolas do campo de difícil acesso, uma realidade lamentável, e bem colocado pelo professor Salomão Hage:

Em geral, essas escolas são alocadas em prédios escolares depauperados, sem ventilação, sem banheiros e local para armazenamento e confecção da merenda...possuindo estruturas físicas sem as condições mínimas para funcionar uma escola. (HAGE, 2005, p. 2)

Some-se a isso a diversidade das demandas de aprendizagem manifestadas pelos estudantes, que implica um outro fator, que por se tratar de uma turma com essas características, como docente encontrei dificuldades metodológicas em trabalhar determinados assuntos voltados à língua Portuguesa, pelo fato de haver educandos com diferentes níveis de aprendizagem numa mesma turma, e isto trouxe enormes desafios com as práticas pedagógicas desenvolvidas, uma vez que sobrecarrega a seleção dos conteúdos para cada série ou ano.

Como se tratava de uma experiência nova, de turmas com este perfil, o que me auxiliou a enfrentar o desafio de uma forma diferenciada, foi exatamente meu curso atual. Sou formanda na Universidade Federal do Pará (UFPA) do curso de licenciatura em Educação do Campo, com habilitação em linguagens e códigos, no campus de Altamira. Uma das principais estratégias do curso é exatamente formar profissionais que visem trabalhar a realidade dos educandos do campo, uma proposta de educação construída por eles próprios, de pensar a formação humana seja ela na escola, na família, na comunidade e movimentos sociais.

Neste sentido durante todo o processo de experiência realizada na minha graduação, durante os tempos-comunidades finais¹, referentes aos estágios supervisionado, observei que é possível trabalhar gêneros literários como forma de incentivo à leitura, ao mesmo

¹ Tempo Comunidade (TC): São atividades extras como: pesquisas, coletas de dados, devolutiva às comunidades e estágios, feitas pelos estudantes nas comunidades durante o período de curso. E quando retornam de suas comunidades é feito a exposição desses resultados de pesquisas nos chamados Tempo Universidade (TU).

tempo que servirá de apoio na realização de atividades que envolvem análise linguísticas, haja visto que se trata de turmas multisseriadas que fazem uso de único espaço de sala de aula para atender níveis diferenciados de aprendizagem.

Diante disso me propus a refletir, como um dos gêneros literários poderia implicar no meu ‘saber-fazer’ docente bem como oportunizar melhores desenvolvimentos de habilidades dos educandos da escola Filadélfia. O que a Faculdade me proporcionou a conhecer, eu pude colocar em exercício por meio das práticas pedagógicas em busca de rendimentos e um ensino-aprendizagem melhor aos nossos educandos:

A organização das formas e práticas de interação entre professores e alunos inclui o planejamento cuidadoso da ação docente, ato que envolve elementos didáticos: a definição dos objetivos, a seleção e a organização dos conteúdos, dos métodos e a escolha das técnicas bem como a escolha dos instrumentos... (MARTINS, 2012, p.54).

Desta forma, de acordo com saberes adquiridos na minha formação profissional e com experiências ao longo desta jornada educativa, pude experimentar algo novo com essa turma, depois de pensar e planejar diferente de períodos anteriores, com o objetivo principal de transparecer as problemáticas encontradas em um espaço como este e turmas similares a esta com a qual tive este contato inaugural, sabendo que o desfecho disto também depende de nossas práticas docente aplicadas neste meio.

2. Definindo como fazer o novo na Escola do Campo

Na minha graduação tive várias experiências que posso chamar de “novas” no sentido de que eu em toda minha trajetória estudantil, tanto no meu ensino fundamental, quanto ensino médio, não tive um contado diferenciado e prazeroso de leitura por puro deleite como tive recentemente nesta graduação, o modo de como o professor de literatura, Paulo Viera, nos apresentava os variados textos da literatura, era distinto. Ele não estipulava tempo, nos deixava à vontade para ler em qualquer lugar que fosse do agrado de cada um: e saíamos a ler debaixo das árvores, nas beiras de rio, coreto da faculdade, e tantos lugares.

Além disso, nas aulas ele sempre levava algo representativo para ler nos “versos do dia”, que eram pequenos trechos de poesia sem os quais a aula não podia ter início. Com isso apresentávamos miniteatros, performance preparadas de improviso, em minutos, leituras dramatizadas, dentre tantas atividades, tudo bem prático e sem exigir muito esforço, tornando, assim, a leitura literária, uma atividade muito divertida e prazerosa. Acompanho esse mesmo professor, ao escrever sobre as turmas de Educação do Campo para as quais ensinou literatura em Altamira:

“Neste cenário, o ensino da literatura pode e deve transportar os estudantes, os leitores, ao mundo das quimeras e a certas contradições da realidade, inescapáveis de serem pensadas por que fundamentais à plena existência humana”. (VIEIRA & DARWICH, 2022, p. 3). Assim, para além do meu próprio encontro com a literatura, encontrei a partir daí uma forma de ensinar língua portuguesa aos meus educandos ribeirinhos da escolinha Filadélfia, uma forma de apresentá-los à literatura sem desprezar os conteúdos de linguagens e de maneira divertida, prazerosa.

Com o atraso nas aulas presenciais do ano letivo de 2022 relacionado à pandemia de 2019 (COVID 19), a secretaria Municipal de Educação (SEMED) na volta às aulas semipresenciais orientou a todos os professores do Polo Cavianinha a priorizar naquele momento apenas duas disciplinas, língua portuguesa e matemática, como uma forma de reforço nas turmas, pois houve de certa forma uma interrupção na aprendizagem dos alunos, e apenas as atividades remotas não eram suficiente aos alunos e as turmas ficaram com certo atraso formativo. Pois muitos não tinham suporte com suas atividades em casa, que tantas vezes eram feitas por terceiros da família.

Foi então que me surgiu a ideia de trabalhar de forma a envolver esses alunos na leitura em sala e fora dela, ao mesmo tempo que trabalhava análise linguística de uma forma diferenciada. Este projeto perdurou o primeiro semestre do ano letivo de 2022 com início no mês de março e foi concluído no mês de junho, com o projeto na escola por nome “Espaço Literário Junino” também criado por mim neste período, para que os alunos pudessem expor seus resultados para um determinado público-alvo, que seriam os pais e comunidade em geral e escolar.

Para dar início, de antemão precisei comprar alguns materiais, que seriam indispensáveis, indo de materiais permanentes, como impressora, a materiais de escritório como: resmas de papel A4, coleções de livros de contos clássicos, fábulas, crônicas, o maior trunfo que eu usaria para chamar atenção dos alunos. Mas ainda não bastava, para que nossa sala ficasse bem mais acolhedora e interessante às diferentes séries e níveis de conhecimento existentes na turma, organizamos juntos o cantinho da leitura, para dar suporte nas aulas e deixar sempre os livros organizados para não desgastar ou até mesmo se perder.

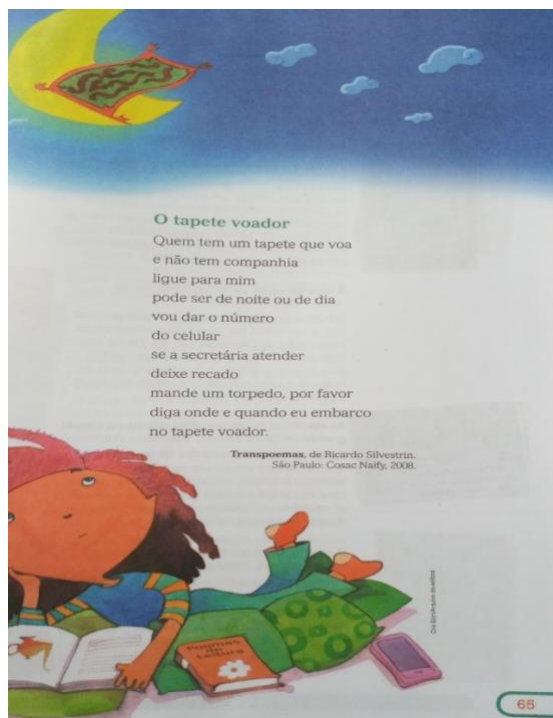
Vale ressaltar aqui a ausência do poder público neste ambiente, com relação a escassez de materiais didáticos, livros e recursos de ensino, tudo isso é dever e cabe ao

governo, seja ele municipal, estadual ou federal, sanar esta demanda, no entanto isso não acontece e para que eu pudesse proporcionar este momento aos alunos tive que fazer por conta própria. Como afirma Freire (1921, p. 22), “A realidade não pode ser modificada, se não quando o homem descobre que é modificável, e que ele pode fazê-lo”. Contudo, não poderíamos descartar que aquela situação lamentavelmente, era nossa realidade do momento. Diante dessa ausência administrativa eu não poderia me acomodar e aguardar sentada alguma mudança, quando na verdade poderia fazer diferente.

Levou tempo para que tudo estivesse pronto, levando em consideração o acesso à cidade que era onde se poderia fazer a compra dos materiais, considerando que nós como funcionários só poderíamos sair do polo em tempo de pagamento e tudo isso dificultava o andamento, mas enquanto isso eu organizava a passos lentos esse ambiente, as aulas seguiam com materiais que tínhamos disponíveis, os livros de língua portuguesa por exemplo eram bem escassos de leituras literárias, quando encontrávamos eram textos muito longos trazendo fadiga na hora da leitura e os alunos desistiam de chegar ao final.

Então a mesma leitura eu dividia entre todos os alunos por parágrafos. mesmo assim ainda percebia o desinteresse na hora da leitura. Até que, enquanto folheavam os livros, em busca de lições que lhes agradassem, encontraram um texto que chamou atenção da maioria, por se tratar de um texto curto e uma linguagem simples e com imagens que despertou o interesse em finalizar.

O texto se chamava " o tapete voador " a partir dessa descoberta nas aulas a maioria só queria ler este texto, por um instante deixei, até certo ponto que não mais estavam lendo e sim já tinham decorado cada detalhe da história. Foi bom pois despertou o interesse da maioria neste texto, devido seu título que a carregava, e a maioria criou interesse em saber o porquê este tapete voava, texto a seguir:



Enquanto seguíamos normalmente em sala de aula, fora dela eu estava finalizando alguns detalhes para dar suporte a este momento em sala, ou seja, para que não fosse lido de qualquer jeito, mas de uma forma vistosa e atrativa, para isto eu estava confeccionando uma espécie de Saia literária, para subsidiar as leituras. Como o nome já diz, era uma saia bem grande colorida feita de material emborrachado, nela estavam variados desenhos relacionados às obras, que já estavam à nossa disposição no cantinho da leitura para ser apreciados por todos, através dos desenhos na borda da saia eles teriam a oportunidade de escolher o que queriam ouvir no momento.



Figura 1 – E o encanto foi tomando conta da imaginação das crianças.

Materiais adquiridos, cantinho da leitura completo, livros à disposição dos alunos e tudo estava pronto. Em todas as aulas de língua portuguesa utilizávamos um ou outro, cantinho da leitura quando queria que eles folhassem livros aleatórios para leitura de deleite, e a saia literária quando liam à turma determinada narrativa para na sequência conduzir as atividades a serem realizadas. Isso acontecia sempre, e as atividades eram diversas dependendo do grau e desenvolvimento do aluno e da narrativa que compunha para este dia.

Todos estes materiais de antemão foram adquiridos com a finalidade de montar um cantinho da leitura na sala, mas também ateliê de artes, para que as crianças pudessem manusear e apreciar as narrativas agora disponíveis.



Figura 2 – O cantinho da leitura é um lugar de aconchego, porque para ler é preciso ter sossego.

Os gêneros literários são a melhor forma de envolver os estudantes em situações concretas, de uso da língua. Para Salton Koche (2017, p. 7) “A escola precisa ser um verdadeiro lugar de comunicação, e as situações escolares, oportunidades de produção e recepção de textos”. Nesse sentido é necessário priorizarmos em nosso espaço escolar esta ferramenta, para de fato trabalhar no educando as várias formas de competência comunicativa existente, e a literatura é um instrumento que tem muito a nos oferecer.

Ainda Zilberman reforça esta ideia da importância deste instrumento no meio escolar, quando afirma que:

A literatura sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim por mais exacerbada que a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais a obra foi concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com

seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor. (ZILBERMAN, 2003, p. 25).

Posso dizer que o curso de Educação do Campo contribuiu de forma decisiva para um olhar diferenciado na aproximação com o campo da literatura, oportunizando uma maior proximidade e o desenvolvimento das minhas habilidades de leitura e escrita, além de fornecer experiências práticas de ensino da língua através dessa fonte de conhecimento rico, influente e utilizável a qualquer fase e nível de conhecimento e escolaridade. Senti isso, enquanto me via em sala de aula, agora como professora, pois criou-se ali um momento único de prazer entre alunos com volumes disponíveis para manusear, ao mesmo tempo em que poderiam viajar em um mundo mágico que é a leitura. Me senti como quando a estudante animada era eu.

A escola Filadélfia é um espaço de pequeno porte e carente, tanto de estrutura física quanto de um quadro de profissionais maior, com apenas uma sala de aula e dois banheiros no fundo, não temos outros espaços, como por exemplo uma copa que é essencial para preparos de uma merenda de qualidade aos alunos. A merenda é feita em outro local, à lenha e com vasilhames não apropriados. Não temos sequer uma área onde as crianças possam brincar no intervalo e fazer suas refeições.

A logística no lugar é muito exaustiva para os alunos, pois há várias entradas de rios onde a trilhar e é preciso acordar mais cedo, pois seu meio de transporte é o “catraio”, por eles assim chamado – uma embarcação pequena apenas para navegar dentro da comunidade, e essas crianças necessariamente tendem a sair horas antes. Na maioria das vezes não fazem seu desjejum, tudo isso dificulta o trabalho do profissional, até mesmo quando pensa outras possibilidades de trabalho.

Com relação a turma, temos um total de 32 alunos matriculados, com exceção de 3 alunos que frequentam as aulas mesmo sem matrícula, contudo são alunos assíduo, dificilmente faltam e como temos a problemática de espaços físicos na sala com lugares escassos em carteiras e mesas, nas aulas sempre dou prioridade aos maiores que precisam das mesas para fazer suas atividades, enquanto os menores ficam no cantinho da sala fazendo suas atividades até mesmo deitados no chão do ambiente, com apenas 21 lugares para 35 alunos na turma. É sufoco, bem como o absurdo.

Quadro 1 – Alunos por turma na escola Filadélfia.

TURMAS	QUANTIDADE DE ALUNOS
Jardim I	6
Jardim II	4
1º ano	6
2º ano	3
3º ano	3
4º ano	2
5º ano	8

Fonte: Trabalho de campo.

Pensei na possibilidade de divisão da turma, para funcionamento em dois horários diferentes, porém não foi possível haver essa alteração, devido à falta de combustível para fazer a rota duas vezes ao dia, o que me restava era pensar estratégias de trabalho com a turma, que demonstrava grande lacuna na aprendizagem, principalmente os alunos do 4º e 5º anos, que pelo nível de escolaridade, já era para lerem perfeitamente e isso não acontecia.

Por exemplo, havia alunos no 5º ano que não conseguiam fazer leituras ou soletrar, enquanto certos alunos do 2º e 3º ano liam perfeitamente. Isso trouxe dificuldades no trabalho com conteúdo mais complexos, foi um dos motivos que me levou a fazer uma certa divisão na turma conforme níveis de aprendizagem para melhor o trabalhar, resalto que esta divisão não foi por idades ou série, mas sim por níveis de aprendizagens dos educandos, justamente para facilitar no momento das atividades.

Desta feita defini três categorias; a primeira trata da minoria que já leem um pouco e eram capazes de atividades mais complexas, que passo a chamar de *leitores*. A segunda categoria é de alfabetizandos, com os quais eu tinha que trabalhar um pouco mais a alfabetização, são os *quase leitores* e a terceira categoria da educação infantil onde é trabalhada a coordenação motora fina e grossa desses educandos que chamei de *futuro leitores*. Segue abaixo o quadro de divisão por categorias:

Quadro 2 – Alunos por categoria de aprendizado de leitura na escola Filadélfia.

CATEGORIAS	Nº DE ALUNOS
LEITORES	07
QUASE LEITORES	13
FUTURO LEITORES	12

Fonte: elaboração nossa.

A categoria dos *leitores* composta por 7 alunos, incluindo 2 do 2º ano, 1 do 3º ano, 1 do 4º ano e o restante do 5º ano, esta categoria já lia perfeitamente facilitando a realização de atividades mais complexas envolvendo pequenos texto.

A categoria dos *quase leitores* era de 13 alunos incluindo alunos do 1º, 2º, 3º, 4º, e 5º ano, era uma turma bem diversificada com alunos dos vários anos que também encontravam dificuldades na leitura onde precisavam de uma atenção especial na área da alfabetização.

Já a categoria dos *futuros leitores* era composta por 12 alunos, estes que são dos jardins I e II incluindo dois alunos, um sendo do 1º ano, outro do 5º ano, por serem especiais, pois demonstravam grandes dificuldades de coordenação motora – se tratava de alunos diagnosticado algum com grau de epilepsia – com isso não fazia sentido incluir atividades por nível de escolaridade a qual estavam devidamente matriculados e sim por níveis de aprendizagens.

Ou seja, mesmo o aluno cursando o 5º ano, mas se não soubesse ler, eu não passava atividade dos *leitores*, mas, sim, dos *quase leitores* que era de alfabetização, e se o aluno do 2º ano dominasse a leitura, como era o caso dos dois alunos citado acima, as suas atividades seriam de *leitores* e assim sucessivamente. Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/1996 nos instrui e dar autonomia de organização usando variados critérios.

Art. 23. A Educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios ou forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar. (BRASIL, p. 17).

E esta foi a técnica ou método de organização que encontrei para continuar o trabalho com a turma, fazendo com que tivessem a oportunidade de desenvolver suas habilidades e capacidades sem constranger ou punir, ao contrário disso, usando formas diferenciadas de interação e estudo da língua, usando a literatura como ferramenta

principal nas aulas de língua portuguesa, uma forma de não repetir aquela aprendizagem memorística de conteúdo.

Mas, especialmente, poder compartilhar com esses alunos obras diversas para primeiro contato, ao mesmo tempo que me serviria posteriormente trabalhar tais atividades mais complexas de conteúdo para fins de alfabetização da turma em questão, iniciando de uma forma ampla que era deleitar nos textos narrativos, partindo desta para as básicas de estudo da língua portuguesa.

3. Saia Literária: crianças tomando gosto pela leitura

Tudo pronto, agora era preparar-se para as aventuras, e digo assim porque foi realmente uma grande aventura, pois exigiu de mim algumas noites de familiarização com as coleções que estavam à disposição dos alunos, primeiro porque eu precisava saber o que cada livreto daquele tratava, além do fato de que em algum momento ali em sala eu iria precisar contar uma das histórias sem precisar ler, justamente para incentivar não só os menores, mas todos a usar a oralidade e criatividade na hora de expor suas histórias.

A saia literária ficava no centro da sala tomando a maior parte de espaço por conta de ser gigantesca, enquanto os alunos a rodeavam sentados na sua borda para ouvir a história do momento, e eu já estava dentro da saia sendo a protagonista do dia, pois cada um ali do menor ao maior em algum momento iria ter a oportunidade de ser protagonista das histórias que seriam contadas.



Figura: 3- E o mundo dos sonhos gira na saia literária a colorir o sol da infância.

No cantinho da leitura já estavam disponíveis vários contos clássicos como: A princesa e o sapo, Rapunzel, Chapeuzinho vermelho, A assembleia dos ratos, Branca de neve, A pequena sereia, A bela e a fera e Cinderela. Tínhamos também à nossa disposição algumas fábulas como: A lebre e a tartaruga, O leão e o ratinho, dentre outros, também algumas crônicas, tudo preparado para que nossas crianças pudessem viajar de forma prazerosa neste mundo mágico que é a leitura.

Figura 04: coleções dos contos



Iniciei com os contos clássicos, uma narrativa curta, poucos personagens, número reduzido de ações, que ocorrem em um tempo e espaço, uma coleção de textos adaptados por Cristina Marques que chamou a atenção da maioria no cantinho da leitura, por ser uma coleção de livreto bem ilustrado e interessante de manusear, e poucos deles tinham acesso, alguns chegaram a comentar que já haviam assistido na televisão em forma de desenhos e outros nunca ouviram falar, nem sequer uma das coleções que tínhamos à disposição, e foram conhecendo ali no nosso momento em sala, sendo seu primeiro contato com as coleções literárias.

A primeira narrativa a ser estudada, analisada e avaliada foi Chapeuzinho vermelho, os contos sempre iniciam com a frase “era uma vez”, e assim os alunos já ficavam ligados no que viria por ali. Ao término da história ficávamos na mesma posição inicial, no chão sentados para uma roda de conversa sobre o que lemos. Iniciava então com os *futuros leitores* fazendo perguntas básicas de interpretação como por exemplo: tema da historinha do dia, personagens, local do acontecimento, final da história etc.

Após finalizar com esta categoria, separava-os a um canto específico da sala, já com suas atividades relacionadas, com pontilhados e desenhos para colorir conforme os personagens que haviam visto. Continuava com a próxima categoria dos quase leitores com o mesmo processo, perguntas e respostas. Após isto dirigia o grupo para as atividades, um tipo de caça palavras. Levei o texto impresso para que eles procurassem palavras com duas e três sílabas, colocando em ordem alfabética como: bateu, cesta, doces, flores, lobo etc. em seguida na leitura final todos iriam ler à turma as palavras encontradas.

Já a atividade da categoria dos leitores, levei também impresso para facilitar e ganhar tempo com eles, duas atividades com o início da história, onde na primeira atividade iriam continuar na versão original, e a outra teriam a oportunidade de usar a criatividade e continuar a mesma história mudando o enredo, dando outro sentido a história podendo usar outros personagens, local do acontecimento etc. ficariam à vontade para criar suas histórias. Por mais que se tratasse de uma categoria de leitores eles ainda encontravam dificuldade de ler e escrever certas palavras, e estas atividades exigiu tempo para que ficasse pronto, porém como nossas aulas duravam uma semana o tempo foi suficiente para que eles mesmos fizessem palavra por palavra de seus textos com o máximo de cuidado com pontuações e repertório de palavras.

No final, quando estava pronto era hora de expor a turma os resultados de suas histórias criadas e narradas por eles. Usávamos a saia literária para expor seus resultados à turma: usaram em suas histórias elementos do seu dia a dia, ou seja, ao invés de aparecer um lobo foi um cachorro, um jacaré, uma onça. Ao invés de Chapeuzinho levar doces à vovó, ela levava melancia, açai, peixe dentre outros alimentos de sua imaginação e convívio diário, contendo um final de suspense, outros bem tristes e outros divertidos.

A partir daquela aula, percebendo o interesse deles em todas as atividades de leituras dos textos, até mesmo nas exposições orais, onde já ficavam bem à vontade para expor suas histórias sem receio da turma que lhes rodeava e observava, e eu já empolgada com os resultados do trabalho, foi que surgiu a ideia do projeto “Espaço literário junino”, visando expor os resultados alcançados da turma de forma bem abrangente, para além da sala de aula, ao mesmo tempo que serviria para meu projeto de estágio da graduação em Educação do Campo.

4. Contos dentro da saia

Depois deste primeiro momento de familiarização com a saia, agora era a vez deles na estreia da saia literária. Esta foi mais um conto clássico também adaptado por Cristina Marques, “Cinderela” desta vez quem entrou na saia para contá-la foi a aluna Thaeme Vitória, que cursa o 2º ano com 9 anos de idade, porém já acompanha os alunos da categoria dos leitores, pois já lê bem considerando o nível escolar. Após este primeiro contato como protagonista na saia, a maioria já ficou ansiosa e inquieta em pensar que também estariam ali a qualquer momento, alguns chegaram até a pedir a história que iria ser contada por eles para treinar antes deste contato com a saia.



Figura 5 - Crianças assumindo seus lugares de protagonistas na leitura. Sabemos: a foto está repetida mas é de propósito, porque é a imagem mais representativa e bonita deste trabalho. Relevem e desfrutem.

No término deste conto, já encaminhei para um pequeno exercício de treino com todas as categorias, como observei que estavam curiosos para entrarem na saia, fizemos uma espécie de reconto da história do dia, onde foram escolhidos alguns alunos das categorias para recontar de forma clara e resumida, com intuito de iniciar esta experiência, como também uma forma de primeiro contato com a saia.

Na aula foi exclusivamente trabalhada a oralidade, treinamos os gestos corporais. Na hora de contar suas histórias sempre pedia para ter cuidado com pontuações, expressões faciais e entonação. Para os ouvintes entenderem o que estava se passando na

narrativa. Já com os *quase leitores* e *futuro leitores* foi diferente, neste caso eles poderiam usar o livreto para ler as imagens, pois apesar de não lerem palavras, têm uma ampla capacidade de fazer leitura de imagens e criar suas próprias histórias, foi muito divertido e cheio de criatividade esse momento, uma viagem pelo mágico mundo das ideias e dos sonhos.



Figura 6 – Futuros leitores lendo sem saber ler antes do futuro chegar.

Nos dias posteriores foram apenas atividades relacionadas ao conto, para os leitores seguiam interpretação textual, verbos, e separação silábica, quanto que para os quase leitores estudamos as famílias silábicas das palavras que apareciam na narrativa, e aos futuros leitores como sempre fazia atividades de coordenação motora e desenhos feitos por eles para pintura e exposição na borda da saia literária.

E assim continuamos, desta vez, o espetáculo abriu espaço para o próximo aluno, Marcos Souza da categoria dos leitores com a fábula da Assembleia dos ratos. Feita a leitura, iniciamos o momento de conversa sobre o conto, levando em consideração os personagens e enredo da história para prosseguir para o próximo passo que era fazer uma dramatização com todos em sala. Assim, dividimos os personagens e ensaiamos para apresentar para a própria turma.

Foi um momento de envolvimento na turma e muitas risadas durante o desfecho da narrativa apresentada. Em seguida a próxima tarefa foi descrever tudo que aconteceu em sala com relação a esta atividade, onde iriam descrever os acontecimentos da semana desde o início até aquele momento. O interessante nesta atividade foi perceber as minúcias de detalhes que trouxeram nas suas descrições, após está escrita inicial, tiveram a oportunidade de refazer seus textos, para organizar palavras que estavam escritas de forma incorreta.

Para os *quase leitores* levei imagens para que pudessem colocar em ordem o desfecho da história e uma outra atividade que seria pensar palavras com duas sílabas que se encaixasse nas iniciais de RATO e GATO. Já para os *futuros leitores*, foram entregues variados desenhos dos quais eles iriam eleger apenas os que tinham a ver com a história contada e fazer suas pinturas para expor. Levei também as vogais que mais se repetiram na narrativa para que pudessem visualizar.

Pois bem, precisávamos selecionar os alunos e as narrativas que iriam ser lidas na culminância do projeto na escola. Foram escolhidos quatro alunos *leitores* para fazer a leituras de algumas narrativas, levando em consideração tudo que já havíamos estudado, como postura, entonação, pontuação e envolvimento com o público. Já as duas categorias dos *quase e futuro leitores* ficaram encarregado de fazer a dramatização da narrativa de Chapeuzinho vermelho, agora era hora de ensaios e preparações dos personagens para a atuação.

No dia 25 de junho, foi realizado a exposição dos resultados, os estudantes estavam um pouco inquietos e nervosos por causa do público que estava presente, porém, não desistiram de seus textos e foi muito prazeroso ouvi-los. Após as leituras, fechamos com a dramatização das duas categorias, que encenaram com muito gosto em um espaço inadequado para este fim, devido ser pequeno e ainda estava superlotado, mas isso não intimidou e os estudantes mostraram que eram capazes.

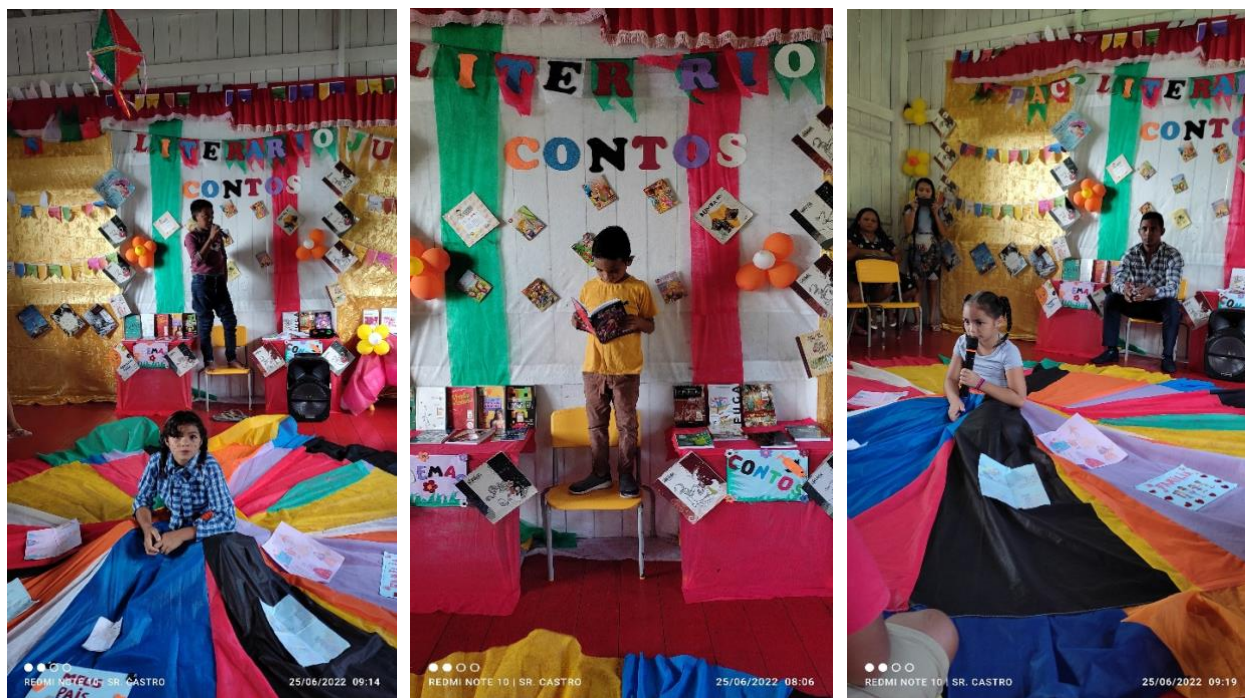


Figura 7 – Culminância agora com todo mundo se sentindo em casa com a leitura.



Figura 8 – Chapeuzinho vermelho em cena de teatrinho: na infância, ler é nunca mais esquecer.

Significou muito aquele momento, tanto para mim como professora da turma ao ver a capacidade de evolução rápida que as crianças tiveram, pois segundo eles nunca haviam apresentado algo daquela forma a um público como aquele presente. Também foi

um momento mágico para os pais que também se surpreenderam pela coragem das crianças de estar na frente e fazer acontecer sem abandonar ou se entregar à vergonha e a timidez.

E significou uma pequena revolução para os próprios alunos que se dedicaram em fazer o melhor, mesmo inquietos, não cederam ao nervosismo e foram até o final com suas leituras. Confesso que saiu bem melhor do que o esperado, pois aquelas crianças que pouco tempo antes não gostavam de leitura, nem sabiam, começavam a fazer tudo com enorme prazer e desenvoltura admirável.

5. Considerações Finais

Posso dizer que este foi um desafio enorme, porém de grande valia para mim, pois no final ocorreu como planejado, e o resultado foi incrivelmente lindo, desde o momento da organização do nosso espaço para pôr em prática esta ação até a hora da exposição desses resultados com todos ali presente.

Pais, vizinhos, comunidade em geral, todos ficaram surpresos com as atitudes dos alunos, que diziam antes ser muito vergonhosos, mas que naquele momento, até mesmo os menores, não ficaram intimidados, e aceitaram o grande desafio do momento. Foi emocionante de se ver os depoimentos de alguns pais no final do evento com relação a esta dinâmica, seus sentimentos eram de alegria e gratidão pelo trabalho realizado.

Foi desafiador pelo fato de que como falei anteriormente foi o primeiro trabalho com turmas desta característica em um espaço não apropriado e um tempo limite devido a ordem da Secretaria Municipal de Educação - SEMED às escolas polos, e isso acarretou correria na elaboração de certas atividades para que concluísse a tempo da execução. Levando em consideração as dificuldades de acesso a este lugar, ou seja, a logística não nos permite um trabalho flexível. Contudo, foi necessário para o desempenho da aprendizagem desses alunos.

Posso dizer que, envolver esses alunos com a literatura nas aulas de língua portuguesa é uma enorme ferramenta adaptável a conteúdo de análise linguística, e uma forma de fugir da forma convencional de apenas repetir conteúdos, e o melhor de tudo, fazer com que nossos pequenos viajem neste mundo belo e mágico. E digo mais, não é simples nem fácil adaptar/organizar um planejamento diferenciado para nossos educandos, porém,

para termos bons resultados é necessário sair da zona de conforto a qual estamos habituados e fazer algo diferenciado em prol do desenvolvimento e aprendizagem dos educandos.

A leitura de obras literárias e a utilização da bibliografia em sala de aula é essencial para a formação de um aluno mais crítico, reflexivo e consciente de seu papel na sociedade. A literatura contribui não apenas para o aprendizado acadêmico, mas também para o desenvolvimento pessoal e social, formando cidadãos mais sensíveis e engajados.

A literatura é uma importante ferramenta na educação de crianças, pois através da leitura de histórias e outros tipos de textos literários, é possível despertar a imaginação, a criatividade e a sensibilidade dos pequenos. Além disso, a literatura também é um meio de transmitir valores e ensinamentos, que podem contribuir para a formação de cidadãos conscientes e críticos.

Os livros infantis contam histórias que ajudam as crianças a compreender o mundo que as cerca e a lidar com as mais diversas situações. Por meio dos personagens e das tramas, as crianças podem aprender valores como amizade, respeito, solidariedade, justiça e equidade. Por essas razões, é importante que a literatura faça parte do currículo escolar desde a infância, para que as crianças possam ser conscientizadas sobre o impacto que a leitura pode ter em suas vidas e na formação de uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse sentido, usar recursos como a sala literária, o cantinho da leitura, livros, teatrinhos e o improviso balizada em pertinentes leituras, pode florescer resultados tão surpreendentes quanto felizes, para alunos e, ainda bem, para professores também. Fim.

6. Referências Bibliográfica

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL.

FREIRE, Paulo. F934c *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire/ Paulo Freire; [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra].* – São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

HAGE, Salomão Mufarrej (Org.) *educação do campo na Amazônia: retratos das realidades das escolas multisseriadas no Pará.* 1º Ed. Belém 2005.

KOLLING, E. J.; CERIOLI, P. R.; CAUDART, R. S. *Educação do Campo, Identidade e Políticas Públicas.* -Brasília, DF, 2002.

KOCHE, Vanilda Salton. *Ler, escrever e analisar a língua a partir dos gêneros textuais/* Vanilda Salton, Adiane Fogali Marinello. - Petrópolis, Rj: vozes, 2017.

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. *Didática/* Pura Lúcia Oliver Martins. - Curitiba: InterSaberes, 2012.

VIEIRA, Paulo Roberto; DARWICH, Rosângela Araújo. *Ensinando literatura na floresta: rios, cachoeiras, praças e saraus na Educação do Campo na Amazônia.* -Belém-Pará-Brasil, 2022.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola /* Regina Zilberman. -11 ed. rev. atual. Ampl – São Paulo: global, 2003.